

Litania para um lugar: visões para o Morro da Capuava, Anápolis-GO

Litany for a place: visions for the Morro da Capuava, Anápolis-GO

Letanía para un lugar: visiones para el Morro da Capuava, Anápolis-GO

RODRIGUES, Web Gabner Pereira

Arquiteto e Urbanista (UEG), Mestrando no PPGS TECCER (UEG), gabnerr@gmail.com

PEREIRA, Maíra Teixeira

Doutora (UNB), professora efetiva (UEG), maiarquitectura@gmail.com

PEREIRA, Robson Mendonça

Doutor (UNESP), e docente pesquisador (UEG), robsonmenper@hotmail.com

RESUMO

Partindo do Morro da Capuava (Anápolis/GO) como objeto de estudo, a pesquisa desenvolvida busca explicar aspectos do local, abordando sua história de ocupação e suas qualidades enquanto paisagem cultural. Justifica-se também pelo objetivo de ressaltar as virtudes do lugar, também para os fins devocionais que ali já ocorrem, vinculando-os aos aspectos naturais (amplitude visual, vegetação, clima) de sua constituição. A pesquisa histórica demonstrou que o espaço já foi visto como margem; já foi o entremeio dos eixos de expansão da cidade; foi e ainda é considerado lugar de hierofania; foi tombado, “destombado” e “retombado” pelo poder público municipal; foi motivo de disputas online quanto a obrigatoriedade de manter-se como espaço público e laico; e foi finalmente equipado com infraestrutura, através de projeto municipal no ano de 2016. O estudo aborda como os aspectos Uso Público-Interesse Ambiental-Registro de Evento Histórico constituem a singularidade do local.

PALAVRAS-CHAVES: paisagem cultural, espaço sagrado, patrimônio imaterial, Morro da Capuava.

ABSTRACT

Starting from Morro da Capuava as an object of study, the research developed seeks to explain aspects of the place, addressing its history of occupation and its qualities as a cultural landscape. It is also justified by the objective of emphasizing the virtues of the place, also for the devotional purposes that already occur there, linking them to the natural aspects (visual amplitude, vegetation, climate) of its constitution. Historical research has shown that space has already been seen as border; already was the intersection of the axes of expansion of the city; was and is still considered a place of hierophany; was listed as cultural heritage (deprived of this legal protection, recovering it years later) by the municipal government; was the subject of online disputes regarding the obligation to remain as a public and secular space; and was finally equipped with infrastructure through a municipal project in the year 2016. The study addresses how the aspects Public Use-Environmental Interest-Historical Event Record constitute the singularity of the place.

KEY WORDS: cultural landscape, sacred space, intangible heritage, Morro da Capuava.

RESUMEN

A partir del Morro da Capuava como objeto de estudio, la investigación desarrollada busca explicar aspectos del lugar, abordando la historia de ocupación y sus cualidades como paisaje cultural. Se justifica también por el objetivo de resaltar las virtudes del lugar, también por los propósitos devocionales que allí ya ocurren, vinculándolos a los aspectos naturales (amplitud visual, vegetación, clima) de su constitución. La investigación histórica ha demostrado que el espacio ya fue visto como margen; ya fue el entremejo de los ejes de expansión de la ciudad; fue y sigue siendo considerado lugar de hierofanía; fue tutelado, "destutelado" y "retutelado" por el poder público municipal; fue motivo de disputas online en cuanto a la obligatoriedad de mantenerse como espacio público y laico; y fue finalmente equipado con infraestructura, a través de proyecto municipal en el año 2016. El estudio aborda cómo los aspectos Uso Público-Interés Ambiental-Registro de Evento Histórico constituyen la singularidad del sitio.

PALABRAS CLAVE: paisaje cultural, espacio sagrado, patrimonio inmaterial, Morro da Capuava.

1 ASPECTO

Entendendo Anápolis (GO) como uma cidade culturalmente tradicional e ligada aos princípios religiosos desde suas origens, talvez se possa dizer com ROSSI (2001 p.199) que o Morro da Capuava representa “parte da imagem que a cidade tem de si mesma”, ou pelo menos, um lugar onde a cidade pode contemplar a si mesma. Há muitos anos o Morro da Capuava é frequentado por pessoas de várias religiões para ali fazerem orações ou para contemplação, já que o local oferece um amplo panorama visual (pode-se ver toda a cidade, urbanizada a leste e pouco adensada a oeste), e, isolado de ruídos, é propício ao relaxamento. A pesquisa investiga que motivos tornaram possível a especialização desse *locus* para fins religiosos.

O referido objeto é um importante espaço público na cidade, sendo frequentado em praticamente todas as horas do dia, em virtude de sua situação topográfica e da vista da paisagem rural ao horizonte que oferece, no sentido oeste. Uma constatação preliminar permite dizer que o horário de maior visitação corresponde ao momento do poente. (Figuras 1 e 2)

Figura 1: Vista do oeste, a partir do Morro da Capuava, por volta das 16 h.



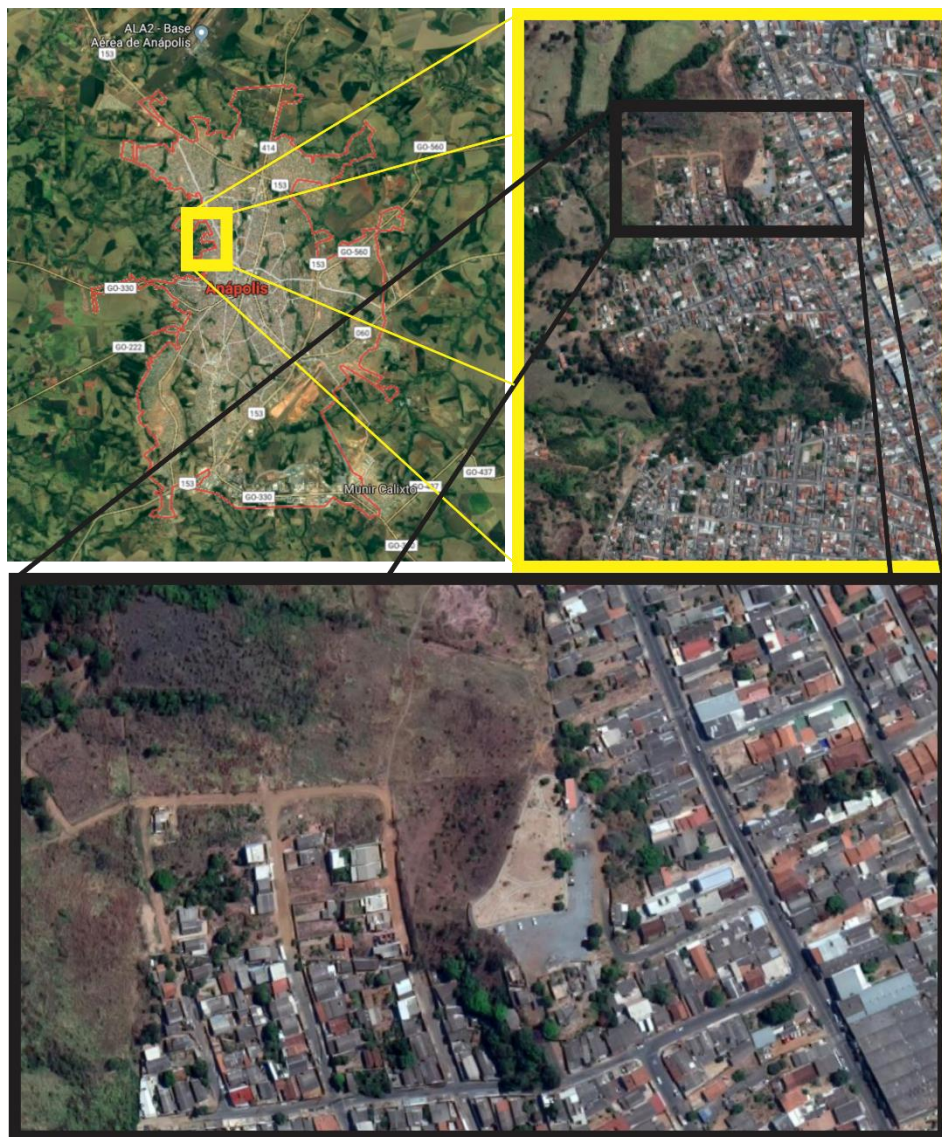
Fonte: Fotografia do autor, 2018

Figura 2: Vista nordeste, a partir do Morro da Capuava.



Fonte: Fotografia do autor, 2018

Figura 3: Situação do Morro da Capuava no território anapolino.



Fonte: Montagem do autor a partir de imagem aérea, 2019.

2 GENIUS LOCI

Permite-se portanto considerar o Morro da Capuava como sítio de interesse histórico-cultural pela totalidade de suas características: a particularização do lugar como lugar de hierofania, fato este antigo e ininterruptamente atualizado; suas propriedades espacial-geográficas; e em decorrência da dos fatos históricos ocorridos ali, sobretudo a passagem da Coluna Prestes pelo local, também mencionada como fato motivador de seu tombamento. NORBERG-SCHULZ discorre sobre a indivisibilidade do fenômeno do lugar: “Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou “atmosfera”. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta.” (NORBERG-SCHULZ, 1976 p. 445)

O pensamento acerca da preservação do presente histórico, expresso nas Cartas Patrimoniais, foi sucessivamente ampliando sua delimitação de interesse do objeto (monumento) ao meio no qual está inserido (paisagem). A Recomendação nº R (95) 9 define em seu artigo primeiro a paisagem, como constituída de um triplo significado cultural: a) modo como o território é percebido por um indivíduo ou comunidade; b) testemunho da relação entre indivíduos e meio ambiente; c) caracterização de culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições.

O valor patrimonial do Morro da Capuava lhe era atribuído mesmo antes de receber um tratamento paisagístico, (Figuras 4 e 5) sendo o único bem tombado municipal que não corresponde à categoria “edifício”. Não havendo o elemento construído, poderia ser considerado apenas uma região topograficamente diferenciada da cidade. Tampouco o seu aspecto natural, como remanescente do Bioma Cerrado e local que concentra diversas nascentes, lhe valeria isoladamente o valor de um bem tombado. É certamente o uso público que lhe confere tal relevância, que, se pode dizer, é duplamente imaterial; a) porque não edificado, b) porque as práticas ali realizadas dizem respeito a costumes e modos tradicionais.

O texto conhecido como Normas de Quito também aborda a definição de monumento. O texto engloba a paisagem natural como um possível componente do bem patrimonial. Entretanto, “Os lugares pitorescos e outras belezas naturais [...] não são propriamente monumentos [...]. A marca histórica ou artística do homem é essencial para imprimir a uma paisagem ou a um recinto determinado essa categoria específica.” (In: CURY, 2004, p. 106)

Figura 4: Vista do Morro da Capuava, ano de 2015, antes das obras de requalificação pela prefeitura.



Fonte: Fotomontagem digital a partir de imagens do Street View. Do autor, 2018.

Figura 5: Vista do Morro da Capuava, após requalificação por iniciativa da prefeitura, realizadas no ano de 2016.



Fonte: Fotomontagem digital a partir de imagens do Street View. Do autor, 2018.

Esta impressão que o homem tem da ordem natural influencia sua visão de mundo, sua “cosmovisão”. Como ser atuante e participante da criação divina, capaz de modificar seu habitat, o faz a partir da percepção que tem de sua relação com o mundo físico (natural) e o imaterial (sagrado). O homem tenta significar seu lugar, a partir de suas experiências, a fim de criar um *imago mundi* ou um microcosmo: “[...]o homem deseja fazer a estrutura natural mais exata. Isto é, ele quer visualizar seu ‘modo de entender’ a natureza, dando ‘expressão’ à base de apoio existencial que conquistou. [...] onde a natureza se mostra ‘centralizada’, ele erige um marco; onde a natureza indica uma direção, ele faz um caminho. (NORBERGSCHULZ, 1976 p. 453)”

O projeto que considere o *genius loci*, alcança a identificação entre o fato e as circunstâncias que o geraram. A função (religiosa) desse modo interessa, uma vez que se manifesta no uso que indivíduos lhe dão, e não em tipologias funcionais e formais. Seu aspecto geográfico fornece um indício para avaliar essas propriedades: “[...] a montanha figura entre as imagens que exprimem a ligação entre o Céu e a Terra; considera-se, portanto, que a montanha se encontra no Centro do Mundo. [...] um espaço existencial e sagrado, que apresenta uma estrutura totalmente diferente e que é suscetível de uma infinidade de roturas e, portanto, de comunicações com o transcendente.” (ELIADE, 1992, p. 25;33)

Segundo GIL FILHO (2002) a geografia das religiões, possui duas distintas formas de abordar o tema do sagrado no território: baseando-se na influência da religião na percepção do homem sobre o mundo (perspectiva teológica); ou por meio dos efeitos e relações da religião com a sociedade, meio-ambiente e cultura (perspectiva antropológica).

[...] O espaço é relacional, ele é parte indissociável do processo de sacralização do mundo e não apenas seu receptáculo. [...] O espaço sagrado é a imagem da experiência religiosa cotidiana assim como sua própria referência. A Geografia do Sagrado está muito mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado. (GIL FILHO, 2002 p.260)

Assim, ações humanas orientadas para a comunicação com o sagrado – proclamação de preces e cantos em voz alta, ajoelhar-se, agrupamentos em círculo de mãos dadas, recostar-se para a leitura de textos sagrados – que pareceriam estranhas em outros pontos da cidade, ali tem permissão para acontecer. GIL FILHO (2002), afirma que as propriedades ambientais constituem elas mesmas parte ativa na construção imagética e simbólica dos lugares: “O espaço não é a cristalização do fenômeno, mas parte das possibilidades relacionais do mesmo. Assim, construímos imagens do espaço e atribuímos a elas as representações de nossa existência.” (GIL FILHO, 2002, p. 260)

O modo de avançar na interpretação das práticas devocionais que ocorrem no Morro da Capuava passa pela noção de “performance”, como descrita por ZUMTHOR (2014). O autor ressalta a relevância do lugar para formar na consciência individual a ruptura entre acontecimentos triviais e a atmosfera da performance (Figura 6): “A condição necessária à emergência de uma teatralidade performancial é a identificação, pelo espectador-ouvinte, de um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial [...]” (ZUMTHOR, 2014 p. 44)

3 AMBIENTE-HABITAT

Pela contemplação do mundo, o homem é capaz de discernir o sagrado. Segundo ELIADE (1992 p. 59), para o homem religioso “o “sobrenatural” está indissolúvelmente ligado ao “natural”; a Natureza sempre exprime algo que a transcende.”

Figura 6: Apreciação da vista a partir do Morro da Capuava, momento do poente.



Fonte: Fotografia do autor, 2017

Refletir a respeito dos processos de interação entre homem e ambiente, adquire conotação espiritual. Vincula-se assim ao aspecto predominante no que se refere ao Morro da Capuava, seu uso religioso. Daí a relevância de entender o bioma do Cerrado de modo amplo, e suas implicações paisagísticas. Como constituintes dos atributos do sítio, a paisagem natural (zona rural) circundante e o horizonte distante, relevo, flora e fauna, cadeia de montanhas no horizonte, nuvens e arrebol; são todos objetos de apreciação contemplativa e sua conservação tem esse duplo aspecto: ambiental e transcendente. Parecem conciliar-se aqui certa beleza e certa feiura cênica, um aspecto raquítico de impressionante resistência, uma aridez superficial a esconder ricos recursos, secretos.

A responsabilidade das ações humanas para com o meio natural é tratada em diversos estudos acerca da sustentabilidade, aqui entendida no âmbito ecológico, socioeconômico, cultural-comunitário. Os

Princípios de Hannover, diante da ponderação destas questões, como foram expostas por MCDONOUGH (2006), postulam a necessidade de:

Reconhecer a interdependência entre os projetos humanos e o mundo natural e sua dependência deste, com as mais amplas e diversas implicações em todas as escalas. Estender a reflexão sobre os projetos humanos ao reconhecimento dos seus efeitos mais distantes.

Respeitar as relações entre o espírito e a matéria. Levar em consideração todos os aspectos dos assentamentos humanos, inclusive as estruturas comunitárias [...] do ponto de vista da relação atual e futura entre a consciência espiritual e a consciência material.

Aceitar a responsabilidade pelas consequências das decisões do projeto para o bem-estar das pessoas, a viabilidade dos sistemas naturais e seu direito à coexistência. (MCDONOUGH, 2006 p. 439-440)

A presença de áreas urbanas e a consequente fragmentação dos biomas, se traduz em isolamento da fauna (veados, felinos, canídeos e tamanduás) e em problemas para as espécies da flora que dependem de animais para dispersão de sementes. Existe, portanto, um risco de diminuição das populações destas espécies, e de serem localmente extintas.

A estrutura superficial das áreas mais elevadas – os planaltos típicos do Cerrado – é constituída por solos pouco profundos e por fragmentos de material rochoso, dispostos caoticamente na superfície. Sendo de menor permeabilidade, essas coberturas possuem maior vulnerabilidade à erosão, o que é agravado quando ocorre em declives acentuados, sobretudo se lhes falta a cobertura vegetal.

Percorrendo o perímetro urbano de Anápolis, pôde-se perceber que o processo de urbanização não planejado gerou situações nocivas de despejo de lixo doméstico, de construção e lançamento de esgoto em áreas de nascentes e construções residenciais em áreas de risco. A invasão de espécies vegetais exóticas também tem sido considerada uma das maiores ameaças à manutenção da biodiversidade em áreas de conservação.

O estudo das modificações dos componentes paisagísticos regionais (AB'SÁBER, 2003 p. 43), aponta para três diretrizes básicas para a proteção do patrimônio genético do cerrado, que refletem diretamente na área do Morro da Capuava, suas imediações e seu papel como barreira à expansão da cidade:



1. A preservação de percentuais significativos de cerrados e cerradões, localizados em abóbadas de interflúvios, transformando-os em verdadeiros bancos genéticos dos cerrados;
2. Conservação de faixas de cerrados e campestres nas baixas vertentes de chapadões, com centenas de metros de largura, conforme cada caso, a fim de que o manejo das terras de cultura não interfira no frágil equilíbrio da faixa de contato entre vertentes e fundos de vales com florestas de galeria;
3. Congelamento ao máximo possível de uso dos solos nas faixas de matas de galeria, visando à preservação múltipla dos corredores aluviais de florestas biodiversas, assim como das veredas existentes à sua margem.

4 VISÕES, MIRAGENS

A arquitetura pode reforçar o sentimento de pertencimento do homem em seu espaço. É assim capaz de mediar e intensificar os significados derivados da reflexão e da contemplação, ali onde estes já ocorrem.

A experiência mais vasta e possivelmente mais importante que se pode ter da arquitetura é a sensação de estar em um lugar único. Uma parte dessa intensa sensação do lugar é sempre a impressão de algo sagrado [...] Uma casa pode parecer construída para ter uma finalidade prática, mas, na realidade, é um instrumento metafísico, uma ferramenta mítica com a qual tentamos dar à nossa existência passageira um reflexo da eternidade. (PALLASMAA, 2006 p. 487-8)

Nisso consiste o fazer arquitetônico: trazer à superfície o “caráter” e a “atmosfera” do lugar, diz NORBERG-SCHULZ (1976, p. 454) “O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado.” Também na fala de Samuel Mockbee, arquiteto do Rural Studio, parece existir um impulso no sentido da retomada do valor do lugar e da população que usufrui da arquitetura a se fazer: “Também é óbvio que o lugar que nos inspira é de profunda importância. [...] A arquitetura se fará entender. Há algo de divino numa obra de arquitetura, e devemos manter a fé no milagre que ela nos proporciona ao nos pôr em harmonia com o mundo natural, o mundo sobrenatural, nossos semelhantes e o grande desconhecido.” (MOCKBEE, 2013 p. 87)

Assim, cabe ao projeto a se realizar, estabelecer a identificação do lugar em seu território de abrangência de modo a torna-lo reconhecido. “Embora um acontecimento externo, como a reurbanização, permita às pessoas enxergar a unidade maior, esta percepção se torna real se a unidade, de fato, tem um forte sabor local, caráter visual e limites definidos.” (TUAN, 1983 p. 189-190)

Figura 7 :Situação existente (à esquerda) e Implantação do projeto (à direita).



Fonte: Projeto do autor, 2018.

Com isso, entende-se a necessidade de conciliar valores históricos, ambientais e religiosos ao projetar o espaço do Morro da Capuava e sua área circundante. O valor imaterial dos elementos culturais que participam na constituição e importância de um patrimônio (compreendendo-se aqui também o caráter sagrado). O ensaio aqui exposto buscou embasar o projeto-estudo de graduação, para o qual define-se o programa, consistindo-se de:

- 1) Proposta de parque que inclui a proteção das áreas de nascentes e reformulação da área limítrofe de expansão urbana; e projeto de auditório (Moldura – Cultura e Paisagem) para a promoção de apresentações culturais, palestras e conferências; (Figura 8)

Figura 8: Auditório em primeiro plano



Fonte: Renderização sobre maquete eletrônica. Do autor, 2018

2) Projeto de Memorial da Coluna Prestes (O Itinerário – Expedições) que instrua sobre a paisagem e a memória de eventos históricos ocorridos no sítio e na cidade; promovendo o reconhecimento e valorização pela população, e que concentre os programas de pesquisa e expografia, sendo aporte de Universidades e do Museu Municipal na divulgação de estudos e ampliando o acesso educacional-cultural; (Figuras 9 e 10)

3) Projeto de Torre-Mirante (O Periscópio - Paragens), espaço de contemplação, convite a enxergar “mais longe”, e que poderá atender pequenas exposições e reuniões; e projeto de espaço público com áreas de descanso e contemplação que atendam o uso já existente de fins devocionais-contemplativos. (Figura 11)

O projeto para o Morro da Capuava, considera a presença no espaço do Morro como forma de contaminar-se de sua sacralidade. Assim, os edifícios buscam localizar-se nele, sem afetar no entanto sua amplitude visual, uma vez que “pela contemplação do mundo, o homem é capaz de discernir o sagrado”.

Figura 9: Memorial Prestes em primeiro plano, parcialmente incrustado no morro.



Fonte: Renderização sobre maquete eletrônica. Do autor, 2018

Figura 10: Memorial Prestes, vista a partir da rampa de acesso.



Fonte: Renderização sobre maquete eletrônica. Do autor, 2018

Figura 11 :Torre-mirante e paisagismo circundante.



Fonte: Renderização sobre maquete eletrônica. Do autor, 2018

5 EPIFANIA

O desenvolvimento do projeto possibilitou a aplicação dos conhecimentos curriculares do curso de Arquitetura e Urbanismo, além de permitir o diálogo interdisciplinar entre áreas de conhecimento diversas, como a história, as ciências ambientais e a sociologia. CORRÊA (2017) defende a arquitetura como instrumento de abrigo, de convívio e de diálogo: “O projeto (projétil) poderia ser uma experiência que pretende ir de encontro ao outro, compartilhando experiências com esse outro, seja ele um sujeito ou um território por habitar.” (CORRÊA, p.92-93)

A pausa é um pressuposto para o reconhecimento do que está ao redor e igualmente de si próprio. Enquanto nos deslocamos, formamos mentalmente uma rede de referências físicas e subjetivas. Assim, o conceito “Pausa/ deslocamento” determina o caráter dos edifícios e equipamentos que marcam pontos estáveis na paisagem e os caminhos e espaços livres que se conformam de acordo com os caminhantes-visitantes, e a articulação de pontos de encontro entre trilhas e paradas.

Entendemos a necessidade de promover os espaços públicos, sobretudo os que manifestam identidades locais. O diálogo inter-religioso é o caminho para o respeito à pluralidade de ideias, frente

à intolerância e o proselitismo. É igualmente indispensável a preservação do Cerrado, uma vez que se sabe da sua importância na constituição das principais Bacias Hidrográficas Nacionais.

6 REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CORRÊA, Adriano Mattos. *O segredo do arquiteto – perdão por não lhe abrigar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ELIADE, Mircea, 1907-1986. *O sagrado e o profano: A essência das religiões* [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

GIL FILHO, Sylvio Fausto. “Por uma geografia do sagrado”. *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*, v. 2, p. 253-265, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”. New York, Rizzoli International Publications, 1980, pp. 42-48. Tradução: Adriana Andrade.

NORBERG-SCHULZ, Christian. “The phenomenon of place”. *Architectural Association Quarterly* 8, n.4, 1976, pp. 3-10. [In NESBITT, Kate] *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.

MOCKBEE, Samuel. *O Rural Studio* (“The Rural Studio”, extraído de *Architecture Design*, n. 7-8, v.68, 1998, pp. 72-79.) In SYKES, A. Krista (org.) *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica (1993-2009)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

OEA. Normas de Quito. In: CURY, Isabelle (org.). *Cartas Patrimoniais*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Iphan, 2004.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*/ Juhani Pallasmaa; tradução técnica: Alexandre Salvaterra. – Porto Alegre: Bookman, 2011.

PALLASMAA, Juhani. “A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura.” [In NESBITT, Kate]. *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.

_____. Recomendação nº R (95) 9. [In: Cury, Isabelle] (org.). *Cartas Patrimoniais*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Iphan, 2004.

ROSSI, Aldo. *L'architettura della città*. Pádua: Marsilio Editori, 1966. [Ed. Bras.: *A arquitetura da cidade*, 2.ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.]

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 1. ed. Cosac Naify Portátil. São Paulo, 2014. 128 pp. Tradução de: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.